



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

França Lima, Ivaldo Marciano de  
Luiz de França, Maria Madalena e Elda- entre a tradição e a inovação: as disputas dos  
maracatuzeiros por espaços na sociedade recifense nos anos 1980  
Afro-Ásia, núm. 36, 2007, pp. 229-262  
Universidade Federal da Bahia  
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77011144007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



**LUIZ DE FRANÇA, MARIA MADALENA E ELDA –  
ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO:  
AS DISPUTAS DOS MARACATUZEIROS POR ESPAÇOS  
NA SOCIEDADE RECIFENSE NOS ANOS 1980**

*Ivaldo Marciano de França Lima\**

*E*lda Viana, Luiz de França e Maria Madalena são alguns dos mais importantes maracatuzeiros que estiveram em atuação nas décadas de 1980 e 1990. Discutir seus perfis biográficos nos permitirá percorrer parte das estratégias e das táticas presentes no cotidiano de indivíduos afro-descendentes, entendendo-os como sujeitos de sua história e donos de seus destinos. Neste trabalho, optei por rejeitar categoricamente o tratamento infantilizador, muitas vezes utilizado por folcloristas que escreveram sobre os homens e as mulheres que fizeram ou fazem cultura popular. Refiro-me à infantilização quando muitos intelectuais se referem às práticas da cultura popular como meras sobrevivências ou reminiscências de tradições imemoriais, como se tais práticas fossem mera repetição acrítica, como se não fizessem sentido para os praticantes. Também não compartilho das visões predominantes entre muitos historiadores, influenciados pela historiografia marxista, que não conseguem enxergar os seres humanos sem que estejam submetidos aos modos de produção.<sup>1</sup> Por mais que elementos econômicos interfiram

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Endereço eletrônico: ivaldomarciano@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Procurei não me deter no uso exclusivo da noção de contexto neste trabalho. Minhas explicações em torno das estratégias e das táticas utilizadas no cotidiano por estes maracatuzeiros estão voltadas para uma tentativa de diálogo com a micro-história. Sobre a noção de contexto e a crítica à sua



nas relações humanas, não posso concordar com as “camisas de força” impostas por muitos historiadores marxistas que enquadram os indivíduos apenas como proletários ou trabalhadores. Lembro, porém, sem desconsiderar a posição social, que o enquadramento de classe não responde por todas as experiências que estão dadas ao indivíduo viver, e é necessário considerar as inflexões de gênero e de raça.

Assim como todo e qualquer indivíduo, Luiz de França, Maria Madalena e Elda Viana podem ser analisados pelos estudiosos das práticas e dos costumes afro-descendentes a partir de vários perfis. Como afirmou Bourdieu:

[...] tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social.<sup>2</sup>

Nesse sentido, os perfis que vou analisar podem ser enquadrados como líderes comunitários ou religiosos (todos os três foram/são chefes de terreiros) e, sobretudo como articuladores de seus maracatus. Esta é a faceta que privilegiarei, mesmo sabendo não ser possível separar os demais perfis identitários que constituem estas pessoas, ou melhor, que elas construíram para si, em meio às disputas por espaços e legitimidade sociocultural. Assim sendo, discutirei como os maracatuzeiros buscaram inserir-se na sociedade pernambucana e quais as táticas utilizadas para esta inserção.<sup>3</sup> Tentarei, na medida do possível, discutir as ações destes três maracatuzeiros, mediados sob vários aspectos, sejam religiosos, políticos, culturais ou econômicos. A vida em sociedade é regida por muitas forças e estas exigem respostas diversas. Mostrarei algumas delas, deixadas nas entrevistas que foram concedi-

utilização, ver: Jacques Revel, “Microanálise e construção do social”, in Jacques Revel (org.), *Jogos de escalas. A experiência da microanálise* (Rio de Janeiro, FGV, 1998), pp. 15-38; Alban Bensa, “Da micro-história a uma antropologia crítica”, in Revel (org.), *Jogos de escalas*, pp. 39-76.

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”, in Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.), *Usos e abusos da história oral* (Rio de Janeiro, FGV, 2001), pp. 183-92.

<sup>3</sup> Michel Certeau, *A invenção do cotidiano*, Petrópolis, Vozes, 1998.



das por estes maracatuzeiros aos jornalistas e aos pesquisadores, bem como as interpretações que estes construíram para entendê-los. Utilizei como fontes os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, as entrevistas concedidas aos pesquisadores da Casa do Carnaval, da Secretaria de Cultura da Cidade do Recife, e alguns artigos escritos por folcloristas e antropólogos, que abordaram especificamente alguns destes três maracatuzeiros. Devo ressaltar que, em algumas ocasiões desta pesquisa, a utilização do nome próprio serviu como fio condutor. Esta estratégia foi imprescindível, uma vez que os maracatuzeiros, mesmo os que viveram contemporaneamente, ainda não possuem registros significativos de suas impressões, idéias, visões de mundo e conceitos. Os seus nomes foram fundamentais em alguns momentos para a continuidade da busca por seus vestígios e pistas.<sup>4</sup>

Luiz de França e Maria Madalena já não estão mais vivos. O primeiro partiu para outras “aventuras” em 1997, e a segunda foi “reinar em outras nações” no ano de 2001. Elda Viana ainda se encontra em plena atividade como maracatuzeira (o que eu sinceramente espero que continue por muitos anos). Conheci os dois primeiros na condição de batuqueiro, quando participei dos seus maracatus, Leão Coroado e Elefante. Madalena foi por muitos anos companheira de Luiz de França e rainha do Leão Coroado, transferindo-se depois para o maracatu Indiano. Após sua saída deste último, ingressou no Estrela Brilhante, na época em que era dirigido pelo famoso Cabeleira, onde também ocupou o lugar de rainha. Seu último maracatu foi o Elefante, nação na qual permaneceu até os seus derradeiros dias. Faleceu logo em seguida ao trágico assassinato de sua neta e sucessora, a saudosa Rosinete.

Conheci Maria Madalena quando participei como batuqueiro do Nação Elefante, que, na época, era dirigido por Antônio Roberto Barros, conhecido também pelo apelido de “Pescocinho”, entre os anos de 1992 a 1996.<sup>5</sup> Anteriormente, fui integrante do Leão Coroado, condi-

<sup>4</sup> Carlo Ginzburg, “O nome e o como – troca desigual e mercado historiográfico”, in Carlo Ginzburg, Carlo Poni e Enrico Castelnuovo, *A micro-história e outros ensaios* (Lisboa, Difel, 1991), pp. 169-78; Carlo Ginzburg, “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, in idem, *Mitos, emblemas e sinais - morfologia e história*, São Paulo, Ed. Schwarcz, 1989.

<sup>5</sup> Infelizmente, existem poucos estudos sobre os maracatuzeiros enquanto indivíduos. Boa parte, no entanto, do que se escreveu ainda é sob uma perspectiva folclorizante, ou de caráter apologético.



ção que me permitiu conviver de perto por algum tempo com o lendário Luiz de França. Quanto a Elda Viana, conheço-a de muitos carnavais, mas não tive uma relação tão próxima. Sua condição de rainha e principal articuladora do Porto Rico propiciou nossos encontros nas diversas reuniões de organização do carnaval. Pude encontrá-la também durante os períodos de preparação do carnaval, percorrendo as lojas de tecidos, ou ainda durante as muitas celebrações religiosas em que estive presente. Trata-se de três pessoas com perfis distintos, impossíveis de serem enquadrados em uma só categoria que não seja a de carnavalescos e integrantes de comunidades afro-descendentes.

Maracatuzeiros por opção, estas três pessoas também possuem em comum a condição de pertencerem à religião dos orixás, e foram (no caso de Elda ainda é, uma vez que se trata da única com vida) líderes religiosos em seus terreiros, assim como constituíram redes de sociabilidade que foram sustentadas sob diferentes práticas e justificativas. Este trabalho, dados os seus limites, terá como principal abordagem a condição de maracatuzeiros destas três pessoas, mesmo que, em determinados momentos, seja ilustrado pelas suas filiações religiosas, e enfatizará suas estratégias de inserção social e busca de legitimidade na sociedade recifense.<sup>6</sup>

Percorrerei os anos de 1980 e 1990 que, a meu ver, constituíram um dos períodos mais tensos e ao mesmo tempo emblemáticos para os maracatuzeiros do Recife, no século XX. Foi nestes anos que os maracatus-nação se encontraram em meio a um dos seus momentos mais difíceis, uma vez que existiam poucos grupos desfilando pelas ruas.<sup>7</sup>

Um excelente trabalho sobre os maracatuzeiros, que os tratou com a dignidade que merecem, pode ser visto em: Isabel Guillen, "Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife", *Cadernos de Estudos Sociais*, vol. 20, nº 1 (2004), pp. 39-52.

<sup>6</sup> Este trabalho se propõe a dialogar com as novas tendências historiográficas presentes na biografia. Para esta discussão, ver, especialmente: Sabrina Loriga, "A biografia como problema", in Revel, *Jogos de escalas*, pp. 225-49; Giovani Levi, "Usos da biografia", in Ferreira e Amado (orgs.), *Usos e abusos da história oral*, pp. 167-82; Bourdieu, "A ilusão biográfica".

<sup>7</sup> Afirmei em outros artigos que os anos 1980 representaram a transição entre o período da decadência e o prenúncio do auge: Ivaldo Marciano de França Lima, *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*, Recife, Bagaço, 2005.



## A tradição em perigo: o fulgor das escolas de samba e a decadência dos maracatus

O carnaval da cidade era disputado pelo frevo, “representante máximo” da “cultura pernambucana”; e pelo samba, que contagiava as multidões e levava um número cada vez maior de pernambucanos ao delírio. Os trios elétricos também disputavam espaços, sobretudo nos carnavais organizados na beira-mar de Boa Viagem. Os maracatus apenas figuravam neste cenário, ocupando um papel secundário. Representavam o lugar de uma tradição que teimava em sobreviver, ocupando seu posto de “herança negra” na tríade constitutiva da nacionalidade. Seu lugar era do melancólico, que se esvaía a cada ano. Nas palavras do então presidente da FUNARTE, Raul Lody, em breve comentário sobre o carnaval recifense, podemos perceber o pequeno espaço ocupado pelos maracatus:

Creio que o carnaval do Recife consegue explodir no sentido mais pleno de uma explosão de festa e de participação, onde o maracatu adquire cada vez menos lugar nos conteúdos e motivos dessa grande festa [...] Ao colocar a perda do espaço, não busco uma visão nostálgica ou uma tentativa de centralizar as preferências populares por outros grupos desse mesmo carnaval, como as Escolas de Samba, por exemplo, que desde o início da década de sessenta vêm marcando sua existência com um número cada vez maior de participantes.<sup>8</sup>

O samba acumulava forças desde os anos 1960 e o carnaval “carioquizava-se”, como afirmou. Suas considerações, contudo, não se restringiram a uma visão homogênea dos maracatus, pois, ao analisá-los, em trabalho comemorativo aos 124 anos do Leão Coroado, indicou que:

O maracatu Leão Coroado, hoje contando com um número reduzido de integrantes, no carnaval de 1986 apresentou-se com pouco mais de 40 pessoas. Essa perda gradativa de participantes do maracatu, não apenas desse maracatu, mas de outras agremiações e outras manifestações como Caboclinhos, Troças, La Ursa,

<sup>8</sup> Raul Lody, “Maracatu: reinado, cortejo e folia”, *Patrimônio Cultural de Pernambuco*, FUNARPE/Conselho Estadual de Cultura, ano 2, n° 17 (1984), pp. 1-2.



Boi, entre outras, deve-se à polarização extremada das Escolas de Samba, que vêm arrematando número cada vez maior de componentes. Não quero dizer que a Escola de Samba seja o papa-angu do carnaval de Pernambuco: no entanto, ações efetivas de apoio e fomento às demais manifestações do carnaval devem receber atenção e especial carinho dos órgãos oficiais como da própria comunidade.<sup>9</sup>

Katarina Real também registrou o sucesso e a força das escolas de samba no Recife, sobretudo quando estabeleceu uma comparação entre o que viu, nos anos 1960, e o que presenciou no ano de 1989:

Se as escolas de samba foram uma força possante na década de 60, o seu poder e vitalidade cultural vão atingindo um verdadeiro crescendo na atual década [...] No entanto o que vem acontecendo é uma explosão no número de componentes em cada uma das escolas. Do meu fichário sobre as escolas pesquisadas em 1968, destaquei a ficha sobre GALERIA DO RITMO (fundada em 1962) que diz: “enorme, mais de 100 figuras”, “luxuosíssima do bairro do Pina”, “mais de 40 na bateria”. Etc. Vejam só! Em 1989 a Galeria desfilou com mais de 700 figuras! Para GIGANTES DO SAMBA, meu fichário de 1965 registra “400 figuras”; em 89, GIGANTES desfilou com quase 2000 atingindo um novo “record” no número de componentes duma só agremiação no carnaval da cidade.<sup>10</sup>

Esta força e esta pujança das escolas de samba pernambucanas também foram objeto de repulsa por parte de um ilustre “filho da terra” que via no crescimento destes grupos “uma carioquização do carnaval de Pernambuco”:

A traição ostensiva às tradições mais características de Pernambuco, no que se refere a expressões carnavalescas. Um carnaval do Recife em que comecem a predominar escolas de samba ou qualquer outro exotismo dirigido, já não é um carnaval recifense

<sup>9</sup> Raul Lody, “Maracatu Leão Coroado: 124 no carnaval do Recife”, in *História do carnaval, séc. XIX e XX* (Recife, FUNDARPE/APEJE, CD multimídia, s.d.).

<sup>10</sup> Katarina Real, *O folclore no carnaval do Recife*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1990, pp. 177-78.



ou pernambucano: é um inexpressível, postiço e até caricaturesco carnaval subcarioca ou sub isto ou sub aquilo. De modo que a inesperada predominância, no carnaval deste ano, do samba subcarioca, deve alarmar, inquietar e despertar o brio de todo bom pernambucano: é preciso que a invasão seja detida; e que o carnaval de 67 volte a ser espontaneamente recifense e caracteristicamente pernambucano.<sup>11</sup>

Aparentemente, as escolas de samba eram tratadas como alienígenas, “invasoras de outro mundo”, que punham em risco a beleza e a tradição do carnaval pernambucano.<sup>12</sup> O frevo deveria receber mais atenções, por ser “criação da terra”, e os pernambucanos deveriam mesmo gostar dela e dançar e escutar aquilo que era originalmente local.<sup>13</sup> Eis o fio condutor presente em muitos artigos escritos contra as escolas de samba. Devo ressaltar que nos anos 1980 essa gritaria se volta também contra os trios elétricos, outros “invasores” que ganhavam força entre os pernambucanos. Waldemar de Oliveira, em artigo publicado no ano de 1966, registra o “segredo da força” das escolas de samba:

Anote-se, por exemplo o domínio crescente das escolas de samba, no carnaval do Recife. *Surgem numerosas delas, cada qual aumentando, ano a ano, os seus efetivos*. Ninguém vai admitir que se tenha estabelecido de repente, do Rio para o Recife, tão elevada – e especializada – corrente migratória. É, ao contrário, gente que vai deixando, por elas, os maracatus, os caboclinhos, seus clubes de ruas, suas troças e seus blocos [...] [grifo nosso].<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Gilberto Freyre, “Recifense sim, sub-carioca não”, *Jornal do Commercio*, 27/02/1966.

<sup>12</sup> O samba para diversos intelectuais pernambucanos representava uma ameaça e não deveria receber nenhum tipo de recursos do poder público, sobretudo por se tratar de algo originado do Estado do Rio de Janeiro. O consenso em torno dessa suposta origem, no entanto, não existe entre estes intelectuais, havendo, inclusive, quem afirme ser o samba de Pernambuco, e não carioca ou baiano. Para esta questão, ver: Bernardo Alves, *A pré-história do samba*, Petrolina, Edição do autor, 2002.

<sup>13</sup> O frevo pode até ser pernambucano, mas há, porém, quem afirme ter sido este ritmo trazido da África. Sobre esta questão, ver: Alberto da Costa e Silva, *Um rio chamado Atlântico – A África no Brasil e o Brasil na África*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003, pp. 187-88. Por não gostar nem um pouco desse bairrismo infantil que existe com grande força em minha cidade, confesso que me diverti bastante ao ver alguém colocar em dúvida a pernambucanidade do frevo.

<sup>14</sup> Waldemar Oliveira. “A recreação popular”, *Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore*, ano 2, vol. 2, nº 1 (1966), p. 12.



O samba animava os corações e as mentes dos pernambucanos. As vozes que se insurgiam contra esta “invasão”, faziam-no em nome do frevo, “expressão maior da cultura pernambucana”. Os maracatus insistiam em não desaparecer, pois não deixavam de sair às ruas durante o carnaval, por mais difícil que fosse a situação. O discurso de uma das coordenadoras da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Sônia Medeiros, é sintomático, ao revelar, em suas palavras (ao menos esta é a informação contida na matéria) a situação enfrentada pelos maracatus naqueles anos:

A coordenadora de Eventos da Fundação de Cultura, Sônia Medeiros, informa que existem no Recife, hoje, apenas nove maracatus de baque virado. “São aqueles de origem verdadeiramente africana. E esse baixo número é um dado preocupante. A sua possível extinção será uma grande perda para a cultura popular mais autêntica”.<sup>15</sup>

O título da reportagem, “Encontro tenta reerguer os maracatus do Recife”, capa do *Caderno Viver* do maior jornal em circulação no Recife, na época, o *Diário de Pernambuco*, chama a atenção para a necessidade de “reerguer” os maracatus do Recife. O jornal, contudo, trabalha ambigüamente com o discurso de fraqueza da cultura popular, pois o número de maracatus revelado por Sônia Medeiros aponta para um significativo crescimento, já que a quantidade de nações praticamente dobrou, se comparada às existentes nos anos 1970. Faz-se necessário, entretanto, destacar que, independente dos discursos oficiais que guiavam os órgãos dos poderes públicos, alguns maracatus efetivamente enfrentavam sérios problemas de existência, devido, dentre outras questões, à priorização de outros tipos de carnaval e do apoio financeiro que se dava a outras agremiações populares. Em primeiro plano, estavam as escolas de samba, contra as quais se posicionava boa parte dos folcloristas, e os trios elétricos, que despertavam a ira e o ódio dos mais “autênticos e tradicionais” defensores da “verdadeira cultura pernambucana” que, como já afirmei anteriormente, era simbolizada pelos clubes, blocos e troças de frevo.

Mas esta ira não se voltava apenas contra os ritmos tidos como alienígenas, uma vez que houve mesmo quem também fizesse oposição

<sup>15</sup> “Tradição secular. Encontro tenta reerguer os maracatus do Recife”, *Diário de Pernambuco*, 19/02/1990, *Caderno Viver*, p. 1.



ferrenha a outros “ritmos da terra”, a exemplo da perseguição movida contra os maracatus de orquestra, que foram proibidos de desfilar na passarela oficial do carnaval recifense no ano de 1976, sob o argumento de que se constituíam em descaracterizações das autênticas nações africanas.<sup>16</sup> Os maracatus-nação, todavia, eram tolerados e permitidos na passarela, mas não significava que estavam livres de problemas. Ainda estão em minha memória as vaias recebidas dos “pernambucanos”, na passarela, quando desfilávamos (o maracatu Elefante), no carnaval de 1993.<sup>17</sup>

Aqueles foram anos extremamente complexos. Conviviam e disputavam espaços no mercado cultural e carnavalesco diversas manifestações, grupos, pessoas em diferentes processos de legitimação social, trazendo consigo as ambigüidades, as indefinições e as dúvidas sobre o que se vivia. Contrariavam as certezas daqueles que insistiam em buscar a harmonia dos “modelos” e das caracterizações folclóricas. O que encontramos nesse período foi, sobretudo, um constante fazer e refazer das tradições, redefinições de práticas imemoriais ou mesmo invenção de novas.

Se nos anos 1980 os maracatus enfrentavam dificuldades, alguns fatos indicavam o prenúncio de novos momentos, de um novo contexto. Em 1981, o Porto Rico do Oriente era reivindicado por um grupo de maracatuzeiros, tendo à frente Elda Viana.<sup>18</sup> Em 1985, outro maracatu

<sup>16</sup> Sobre a discussão em torno da proibição do desfile dos maracatus de orquestra nas ruas do Recife e na passarela oficial, ver: Artur Malheiros, “Maracatu autêntico”, *Diário da Noite*, 12/02/1976, 1º caderno, p. 4; idem, “Maracatu autêntico”, *Diário da Noite*, 13/02/1976, 1º caderno, p. 4; *Diário da Noite*, 16/02/1976, p. 3; *Diário da Noite*, 17/02/1976, 2º caderno, p. 1; “Jornalista repudia decisão do CPC”, *Diário da Noite*, 16/02/1976, p. 3; Empresa Metropolitana de Turismo EMETUR, “Nota oficial da Prefeitura da Cidade do Recife”, *Jornal do Commercio*, 20/02/1976, 2º caderno, p. 11; *Jornal do Commercio*, 22/02/1976, 2º caderno, p. 5.

<sup>17</sup> Discuti esta questão, abordando a transição dos maracatus-nação de algo “tolerado” para símbolo da pernambucanidade em: Ivaldo Marciano de França Lima, “Maracatus em moda: de coisas de negros xangozeiros para símbolo da identidade pernambucana”, *Candelária*, ano 4, nº 6 (2007), pp. 183-97.

<sup>18</sup> O Porto Rico do Oriente deixou de desfilar em 1978, após a morte de Eudes Chagas. Segundo a versão de seus familiares, Eudes havia expressado o desejo de que tanto o seu terreiro como o maracatu tivessem suas atividades encerradas após sua morte: Katarina Real, *Eudes o rei negro do maracatu*, Recife, FUNDAJ/Ed. Massangana, 2001, pp. 129-30. Pesquisei esta questão, procurando entender as razões que levaram alguns maracatuzeiros a desejarem o fim das atividades de seus maracatus após suas mortes. Eudes Chagas foi um destes, mas não o único. O caso mais emblemático foi o de Dona Santa, que levou consigo o Elefante, após sua morte, em 1962: Ivaldo Marciano de França Lima, “Tempo e instituições, lógicas não-ocidentais em alguns maracatus-nação: da África ao Brasil, a homogeneização das diversidades”, *Saeculum*, nº 11 (2004), pp. 72-84.



era reivindicado: o Sol Nascente, e, no ano seguinte, o *Diário de Pernambuco* estampa na primeira página do *Caderno Viver*, a manchete “Nação maracatu Elefante volta às ruas para brilhar no carnaval 86 do Recife”. Três maracatus “ressurgidos”, ou “reativados”, que voltavam às ruas da cidade em meio ao sucesso das escolas de samba. Some-se a isto o fato de que, até então, não havia mais do que cinco grupos em funcionamento. Ainda não foram devidamente trabalhadas as questões em torno do fenômeno da reativação dos maracatus-nação. Propus uma periodização da sua história, apontando os anos 1980 como o período dos ressurgimentos por excelência, ao passo que nos anos 1990 teríamos a fundação de maracatus inteiramente novos.<sup>19</sup> Ao mesmo tempo em que representou um período difícil para a existência dos maracatus, os anos 1980 podem ser vistos como emblemáticos, devido aos ressurgimentos dos maracatus já citados. Concorre para tal caracterização a fundação do Nação Pernambuco, grupo que mais tarde contribuiria decisivamente para o sucesso atual dos maracatus. Em meio a essa complexidade resta-nos perguntar: quais foram as estratégias dos maracatuzeiros para vencerem as adversidades e a competitividade desses anos? Analisarei, a seguir, os perfis de alguns desses maracatuzeiros e suas ações no contexto descrito.

## Dona Madalena

Maria Madalena dos Santos era o seu nome de batismo.<sup>20</sup> Empregada doméstica desde menina, era analfabeta, igual a milhares de mulheres negras que viveram em situação semelhante. Também ganhava alguns trocados com a “ciência que deus lhe deu”.<sup>21</sup> Recebia uma pensão de seu segundo marido, Severino Liberato dos Santos, com quem foi casada legalmente.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Ivaldo Marciano de França Lima, “Periodizando a história dos maracatus”, *Folclore*, nº 297 (2003), pp. 1-8.

<sup>20</sup> Madalena foi entrevistada por pesquisadores da Casa do Carnaval e, na entrevista arquivada, não há referências sobre a data e o local em que ocorreu. Doravante, sempre que as referências a essa entrevista forem feitas, marcarei a nota apenas pela inicial ECC (Entrevista Casa do Carnaval), seguida do nome do entrevistado e o número da página existente nos originais. Adotarei procedimento semelhante quando me estiver referindo à entrevista que foi dada por Luiz de França para os pesquisadores desta mesma instituição.

<sup>21</sup> ECC, Madalena, pp. 37-38. O termo “ciência” é utilizado no sentido de saber religioso ou de dom para determinado tipo de conhecimento religioso.

<sup>22</sup> ECC, Madalena, p. 40.



Seu primeiro casamento, no entanto, fora presenciado apenas pelo padre. Conforme declarou, o primeiro esposo nada deixou de bom, exceto seus filhos – cinco ao todo. Há um conflito entre as informações existentes na entrevista que Madalena concedeu às pesquisadoras da Casa do Carnaval e uma matéria de jornal feita sobre ela, quando ocupava o posto de rainha do maracatu Estrela Brilhante.<sup>23</sup> Nessa matéria, há a informação de que fora casada com Paulo Augusto da Silva e dele herdara cinco filhos e boas recordações. Talvez a segunda entrevista, muito possivelmente realizada no final dos anos 1990, tenha sofrido com o peso dos anos de Madalena, que faleceu com mais de 90 anos. Sua idade, conforme ela própria atestava, era uma aproximação, visto que não possuía certidão de nascimento que lhe atestasse o ano certo em que veio ao mundo. Seu aniversário, porém, era comemorado no dia 24 de outubro.<sup>24</sup>

Madá, como era chamada entre seus pares, nasceu em um engenho no Cabo, cidade que integra a Região Metropolitana do Recife. Como ela própria afirmou, “nasci com um cabo de enxada na mão”. Mas escapou de ser uma das muitas bóias-frias da zona canavieira, quando foi entregue por seu pai a uma família, que morava na cidade de Vitória de Santo Antão, para exercer, dentre outras atividades domésticas, a função de babá.<sup>25</sup> Madá sempre comentava com certo rancor o fato de ter sido dada pelo pai. O que efetivamente ocorreu dificilmente saberemos, mas o certo é que se trata de fato corriqueiro entre as famílias pobres. Talvez a intenção do pai de Madalena tenha sido a de lhe propiciar outras chances, mas de fato a experiência marcou a vida daquela menina. Chegou ao Recife para trabalhar em outra casa, com quinze anos, e se casou logo em seguida. Foi no Recife que descobriu que tinha o caboclo Guarani como guia. Já viúva pela segunda vez, Madá conheceu Luiz de França, tornou-se rainha do Leão Coroado e fez santo com Manuel Mariano. Começava sua vida pública.

Madalena foi representada como a herdeira do legado de Dona Santa, lendária rainha do Elefante durante décadas, falecida em 1962.

<sup>23</sup> *Diário de Pernambuco*, 18/02/1979, Caderno Gente.

<sup>24</sup> ECC, Madalena, p. 37. Ressalte-se que, ainda hoje, no Recife, é possível encontrar pessoas que não possuam uma certidão de nascimento.

<sup>25</sup> *Diário de Pernambuco*, 18/02/1979, Caderno Gente; ECC, Madalena, p. 5.





Devo insistir, sobretudo, que um de seus discursos legitimadores se apoiava no fato de que teria sido a própria Dona Santa quem a apontara como sua sucessora. Dizia Madalena que, após muitos boatos envolvendo-as, foi pessoalmente ao encontro de Santa, com quem travou um diálogo sobre as diferenças e as querelas existentes. Este encontro, grandemente mitificado, foi assim retratado:

“Desde que comecei a desfilar, isto ainda no Leão Coroado, como presidente, quando por sinal o nosso maracatu tirou em segundo lugar no carnaval, as pessoas me diziam que ela tinha se doído com as nossas apresentações. Não dei muita fé a isto, mas os boatos sempre continuavam à medida que em me firmava como rainha de maracatu” [...] “depois de muito tempo, já perto de sua morte, Dona Santa deu uma grande festa de aniversário do maracatu Elefante, em sua casa, em Ponto de Parada. Foi num domingo e eu estava sabendo da festa. E tomei uma decisão de ir até lá, com meu maracatu para ver o que existia de verdade nesta história de que ela tinha raiva de mim. O pessoal amigo me amedrontou, mas eu queria ir assim mesmo” [...] “quando fui me aproximando da casa dela, foi apontando um grupo do maracatu Elefante. Ela tinha mandado o Rei de Congo com outra dama. Quer dizer, estava mandando me buscar. Fiquei mais calma, garrei o cetro e a espada e fui até lá”. Na presença de Santa, Madá fez as devidas evoluções, relatadas por ela, como dar a queda, cruzar a espada com o rei, que podem ser traduzidas como uma saudação respeitosa à mais antiga rainha de maracatu do Brasil. Santa não se fez de rogada. Entendeu a mensagem reverente de Madá e entabou conversa com ela. “Bota o estandarte aqui, minha filha, e vamos conversar um pouco”. Estava desfeita a intriga e disto surgiu o prognóstico da antiga dama do carnaval recifense que, ali, mesmo passaria a coroa – verbalmente, apenas – à rainha do Estrela Brilhante, com a significativa promessa de sacramentar a sucessão, na frente da Igreja do Rosário.<sup>26</sup>

Em torno de Dona Santa ainda hoje existe uma significativa quantidade de histórias. Muitos são os que afirmam ter possuído algum tipo

<sup>26</sup> *Diário de Pernambuco*, 18/02/1979, Caderno Gente.



de envolvimento com ela, mesmo quando não têm idade suficiente sequer para conhecê-la. Dona Santa tornou-se um símbolo de legitimação e a narrativa contada por Madalena ao jornal e repetida por várias vezes em seu cotidiano revela que ela mesma se considerava sua sucessora. Mesmo não sendo integrante do Elefante, à época do encontro, Madalena obteve de Dona Santa a aprovação e a certeza de que após a morte desta, passaria ela a “reinar” entre os maracatuzeiros recifenses. Mas teria mesmo este encontro ocorrido? Bem, o certo é que, nos anos 1980, Madalena ocupava o lugar da “tradição” junto com Luiz de França, com quem mantinha severas diferenças desde que desistira de ocupar o lugar de sua esposa e de presidente do Leão Coroado. Este era o posto de Madalena: rainha dos maracatuzeiros e assim era reconhecida, ao menos no discurso daqueles que a acompanharam nos maracatus que integrou: Leão Coroado, Indiano, Estrela Brilhante e Elefante.

As relações simbólicas, possíveis de serem estabelecidas entre Madalena e Dona Santa são muitas. Uma das mais significativas diz respeito ao uso do jipe no desfile oficial do maracatu, na passarela da Federação Carnavalesca. Dona Santa, nos seus últimos anos de vida, andava em um jipe cedido pela prefeitura do Recife, e as fotos de seu derradeiro desfile, ocorrido no ano de 1962, ficaram marcadas em muitos jornais e livros em que foram publicadas. Talvez Madalena tenha presenciado em carne e osso estas imagens, o que não seria algo espantoso, em se tratando de ser ela maracatuzeira já nesses tempos. O certo, porém, é que os últimos desfiles de Madalena também ocorreram sobre um jipe, o que, por sinal, lhe valeu alguns pontos negativos nos concursos de maracatus organizados pela Federação Carnavalesca.<sup>27</sup>

Madalena já não mais andava, nos seus últimos anos de vida. Seu desgosto por isto era evidente. Segundo relata, caminhava por todo o Recife resolvendo seus problemas desde os tempos que àquela cidade havia chegado.<sup>28</sup> O peso da idade, ao mesmo tempo em que se tornava uma dificuldade real, transformava-se em importante trunfo

<sup>27</sup> Em um dos seus muitos depoimentos, Antônio Roberto, à época presidente do Elefante, afirmou que o maracatu só perdia a competição devido às perseguições da comissão julgadora que, injustamente, retirava pontos de Madalena por não vir dançando no chão.

<sup>28</sup> ECC, Madalena, p. 21.



diante de sua maior rival, Elda Viana, jovem rainha do Porto Rico. Enquanto Madá visivelmente definhava, perdendo espaços na mídia, e seu maracatu não tinha a mesma pujança, Elda acumulava vitórias, frutos de suas estratégias e inovações bem sucedidas.

Madalena e o Elefante eram apresentados ao grande público como herdeiros de Dona Santa e de seu espólio, razão pela qual os jornalistas assim os descreviam:

A grande atração desta noite, no entanto, fica mesmo por conta do famoso Elefante, da rainha D. Santa, de saudosa memória. *Desativado há muitos anos, após a morte desta, o maracatu Elefante voltou a desfilar no ano passado*, tendo como presidente, atualmente, Antônio Roberto Nogueira Barros. O Elefante já desfilou na Alemanha e outros países da Europa, e *a pedido de D. Santa, foi coroada rainha Maria Madalena dos Santos*. É o atual campeão da categoria [grifos nossos].<sup>29</sup>

Madalena apoiava-se, sobretudo, na ação de Antônio Roberto, seu genro, e de Rosinete, sua neta. Estes eram os principais articuladores de seu último maracatu, o Elefante, recriado no ano de 1986. Sua herdeira, para quem forneceria a legitimidade que lhe fora entregue por Dona Santa, era Rosinete que, no Elefante, cumpria papéis diversos, entre os quais o de criadora dos figurinos da corte.<sup>30</sup> Infelizmente, Rosinete não desfrutou deste legado, visto ter sido assassinada antes da morte de Madalena. Porém, aqueles que a conheceram são unânimes em afirmar que Rosinete era uma das poucas mulheres com verdadeiro conhecimento integral do maracatu-nação, visto sua habilidade em costurar, cantar toadas, apitar o batuque, confeccionar instrumentos e tocá-los. Lembro que Rosinete tocava todos eles, inclusive a *afaya*. Sua morte prematura, porém, marcou o fim deste campo de alianças que era sustentado principalmente nas figuras de Madalena e Luiz de França.

Madalena e Luiz de França foram casados por mais de uma década, mas desde os anos 1980, após uma série de desavenças, sequer se falavam. As relações entre ambos eram mantidas pelos vínculos que

<sup>29</sup> “Maracatus desfilam pelo centro da cidade”, *Diário de Pernambuco*, 9/02/1988.

<sup>30</sup> ECC, Madalena, pp. 29-30.



existiam entre os familiares de Madalena e as pessoas que moravam com Luiz de França, especialmente Mana, que o acompanhou até os seus últimos anos de vida. É verdade que não demonstravam ao grande público suas desavenças, mas, entre os mais íntimos, não perdiam a oportunidade de lançar algumas farpas, em clara disputa por legitimidade. Vejamos as táticas que utilizaram num dos momentos cruciais da história dos maracatus nesse período.

Um dos conflitos que mais agitou os maracatuzeiros da cidade do Recife envolveu Luiz de França e Lourenço Mola, em torno de recursos financeiros a respeito da produção cultural do Leão Coroado para o carnaval. Entre acusações de ambos os lados, a questão foi finalmente resolvida na justiça, e Luiz de França, isentado de uma dívida que Mola lhe cobrava. Sobre essa delicada contenda, Madalena manteve-se inteirada dos passos que eram dados por seus supostos adversários, mas absteve-se de tomar posição pública. Nesse contexto, ocorreu a venda do seu antigo maracatu, o *Estrela Brilhante*, até então sob o comando de Cabeleira, para Lourenço Mola, o mesmo que perdera a questão para Luiz de França. Madalena repudiaria de modo significativo a venda do *Estrela Brilhante*, já que maracatu, assim como terreiro, não se vende! Nem por isto daria o braço a torcer a Luiz de França, reconhecendo-lhe qualquer tipo de razão. Sua interpretação da querela judicial é bastante intrigante, visto que inverteu os papéis de réu e vítima no caso já citado.<sup>31</sup> Sobre este assunto, ela afirmava: “Ele [Mola] roubou o Leão Coroado. Sim. Roubou o Leão Coroado por ter saúde, já roubou boneca, roubou... aquele povo é danado. O Leão Coroado tá acabado, coitado... não pega jeito. Ele [Luiz de França] tá ali de teimoso”, ou seja, reconhecia a justiça para Luiz, mas única e exclusivamente para confirmar que “ele não pode mais com maracatu!”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Após diversos desentendimentos envolvendo ambos, Mola colocou Luiz de França na justiça para reaver recursos que, segundo ele, havia emprestado para o Leão Coroado. Esta questão repercutiu de modo bastante significativo entre os maracatuzeiros e os afro-descendentes, na época. Luiz de França obteve apoio público e explícito de Roberto Benjamin, que, além de folclorista, é promotor público, e da Federação Carnavalesca. Este episódio foi objeto de duas pequenas matérias de jornal, uma informando da queixa prestada por Mola, *Diário de Pernambuco*, 3/11/1993; e a outra informando da vitória obtida por Luiz de França, *Diário de Pernambuco*, \*\*/06/1995.

<sup>32</sup> ECC, Madalena, p. 31.



O leitor aqui pode parar e dizer: que confusão! Pois é: diversos sujeitos maracatuzeiros, disputando espaços no Recife, legitimidade e um lugar ao sol, em meio a uma cidade extremamente discriminadora e elitizada. Mas estes episódios, em que a competitividade e os conflitos entre os maracatuzeiros são visíveis, nos ilustram as alianças possíveis de cada um deles e as redes que constituíam para si, sem deixar de marcar a ambigüidade dessas inserções sociais.

A esta visão de um Luiz de França teimoso, Madalena acrescentava outras características, como certa estupidez no trato com as pessoas. Este perfil, contudo, não é compartilhado por boa parte daqueles que escreveram sobre ele, em que ressaltaram apenas suas qualidades. Contudo, entre os maracatuzeiros, Luiz de França era homem reconhecido entre seus pares como outro qualquer, dotado de virtudes e defeitos.<sup>33</sup> Madalena não aprovava a conduta de Luiz de França como líder maracatuzeiro. E este não admitia, sob hipótese alguma, que o Elefante recriado fosse o mesmo maracatu de Dona Santa.<sup>34</sup> Tratava-se de uma disputa simbólica pela legitimidade, uma vez que Luiz de França afirmava ter sido o seu maracatu aquele que fundara o carnaval do Recife, junto com o grupo de Dona Santa, por ele tratada como “madrinha”.<sup>35</sup>

As disputas entre Luiz de França e Madalena não impediam que as alianças entre os maracatus de ambos acontecessem. Antonio Roberto e Rosinete mantinham estreitos vínculos entre os dois líderes, a ponto de terem organizado os desfiles conjuntos dos seus grupos no ano de 1995.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Para conferir uma versão bastante laudatória de Luiz de França, ver: Roberto Benjamin, “Dona Santa e Luiz de França: gente dos maracatus”, in Vagner Gonçalves da Silva (org.), *Memória afro-brasileira. Artes do corpo* (São Paulo, Selo Negro, 2004), pp. 54-76.

<sup>34</sup> ECC, Luiz de França, p. 10; *Diário de Pernambuco*, 14/01/1996, Caderno Viver.

<sup>35</sup> ECC, Luiz de França, pp. 25-26.

<sup>36</sup> Este episódio não foi bem interpretado por Luiz de França, que chegou mesmo a comentar sobre a injustiça que representava o fato de o Elefante ter sido criado recentemente e já dispor de uma sede, ao passo que seu Leão Coroado, “fundador do carnaval de Pernambuco”, ainda se encontrava em sua residência. O desfile conjunto do Leão Coroado e do Elefante foi retratado desta maneira no *Jornal do Commercio*, de 24/02/2001, Caderno C, p. 1: “O crescimento da agremiação, fundada em 1863, é realmente a olhos vistos. Por causa do temperamento forte do antigo mestre, que dirigiu a Nação Leão Coroado por mais de 60 anos, o maracatu viveu uma grande crise. *Nessa época, chegou a desfilar apenas com 10 integrantes e o estandarte, atrás do Nação Elefante*” [grifo nosso]. Em outra matéria, o episódio foi assim retratado por Luiz de França: “[...] no carnaval passado, a gente desfilou atrás dos fundos de outro maracatu e eu não quero ver repetida essa humilhação [...]”: “Um leão sem coroa”, *Diário de Pernambuco*, 14/01/1996, Caderno Viver, p. 1.



Mana também servia de elo na comunicação entre ambos, pois mesmo residindo com Luiz de França, a quem considerava como pai, mantinha contatos com Madalena.

As disputas mantidas entre ambos, portanto, não inviabilizavam que pequenas alianças ocorressem e posso afirmar que as semelhanças entre o Leão Coroado e o Elefante representavam o reflexo destes laços, visto que os batuqueiros e os desfilantes eram quase que comuns aos dois grupos. O colapso do Leão Coroado, agravado pela idade de Luiz de França, foi atenuado pela força do Elefante que, à época, era o único maracatu que disputava a liderança junto com o Porto Rico de Elda Viana. A separação do casal Antonio Roberto e Rosinete colocou o Elefante em crise, chegando às vias de uma disputa pública, que contou, inclusive, com a intermediação da Federação Carnavalesca.<sup>37</sup> Antônio Roberto retirou-se do Elefante, levando consigo boa parte da pujança existente neste maracatu. Rosinete não mais conseguiu fazer com que o maracatu voltasse à antiga condição, e seu trágico fim corroborou para apressar a morte de Madalena, meses depois.

Madalena não era apenas maracatuzeira. Sua filiação ao xangô era expressa através dos vínculos que manteve com Manoel Mariano, afamado pai-de-santo que viveu no Recife até os anos 1980.<sup>38</sup> Contrariando os estereótipos que afirmavam a relação exclusiva entre o maracatu-nação e o xangô, Madalena também possuía liames com os encantados da jurema, bem como com a umbanda.<sup>39</sup> Devo dizer, contudo, que estas relações entre os maracatuzeiros e a jurema são constantemente invisibilizadas e, talvez, uma das razões para isto esteja no modelo de pureza africana estabelecido pela antropologia sobre o assunto.<sup>40</sup> Este

<sup>37</sup> *Jornal do Commercio*, 22/08/1998.

<sup>38</sup> Manoel Mariano figurou no filme *O Canto do Mar*, dirigido por Alberto Cavalcanti, com trilha sonora composta pelo Maestro Guerra Peixe. Seu terreiro, por sinal, ainda hoje se encontra fechado e, por uma ironia do destino, localiza-se bem à frente de minha residência, na Campina do Barreto. René Ribeiro, segundo se diz entre alguns intelectuais locais, foi quem mais se beneficiou dos conhecimentos de Manoel Mariano como informante. Esta questão pode ser conferida em: Roberto Motta e Maria do Carmo Brandão, “Adão e Badia: carisma e tradição no xangô de Pernambuco”, in Wagner Gonçalves da Silva (org.), *Memória afro-brasileira. Caminhos da alma* (São Paulo, Selo Negro, 2002), p. 60.

<sup>39</sup> ECC, Madalena, pp. 7-10.

<sup>40</sup> Peixe afirmou: “É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do maracatu tradicional – nagô, como dizem, no sentido de africano – é constituída, na



campo de disputa entre os maracatuzeiros pode ser mais bem esclarecido se analisarmos detidamente a atuação do principal articulador do Leão Coroado.

### Luiz de França

Não é nada fácil discorrer sobre um maracatuzeiro como Luiz de França, ainda mais no meu caso, visto que foi no Leão Coroado onde me iniciei como batuqueiro. Nasceu no Recife, Boa Vista, nas imediações da Rua da Guia, em 1901. Sua infância, ou ao menos a maior parte desta, teve lugar no bairro de São José que, à época, contava com diversas comunidades de afro-descendentes, agremiações carnavalescas, terreiros de xangô e jurema.<sup>41</sup> Compulsando as listas de licenças que autorizavam as agremiações a desfilarem no carnaval, acompanhamos a trajetória do Leão Coroado desde o bairro da Boa Vista, passando por Santo Amaro, Afogados, até chegar ao Córrego do Cotó, na zona norte recifense, nos anos 1950, já sob o comando de Luiz de França.<sup>42</sup> Vale

maioria, por iniciados nos xangôs; a que prefere o maracatu-de-orquestra, tende para o catimbó, culto popular de características eminentemente nacionais. Parece que há procedência nas informações, pois nos cânticos do maracatu-de-orquestra é constante o aparecimento de vocábulos como aldeia, caboclo, jurema e outros – todos refletindo identificações que acusam a preferência religiosa dos seus participantes”: Guerra Peixe, *Maracatus do Recife*, Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/Irmãos Vitale, 1980 [1955], p. 23. Tal questão influenciou sobremaneira os estudiosos que o seguiram nas pesquisas sobre os maracatus-nação, pois esta relação estabelecida por Peixe sequer foi questionada e ainda hoje é aceita como tal, inclusive entre alguns maracatuzeiros que afirmam participarem apenas do xangô, negando qualquer tipo de vínculo com a jurema. Para esta questão, ver: Ivaldo Marciano de França Lima, “Repensando a ‘pureza’ e a ‘autenticidade’ africana nos xangôs e maracatus: a presença da jurema enquanto prática religiosa entre os maracatuzeiros”, in *Anais eletrônicos do XXX Simpósio do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina*, Recife, UFPE, 2004. Sobre a questão da “pureza africana e nagô” nas religiões afro-descendentes, ver: Beatriz Góis Dantas, *Vovó nagô e papai branco usos e abusos da África no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1988; França Lima, “Maracatus em moda”; Roberto Motta, “A invenção da África: Roger Bastide, Edison Carneiro e os conceitos de memória coletiva e pureza nagô”, in Tânia Lima (org.), *Sincretismo religioso: o ritual afro. Anais do IV Congresso Afro-Brasileiro* (Recife, Massangana/ Fundaj, 1996), vol. 4, pp. 24-32; Roberto Motta, “Antropologia, pensamento, dominação e sincretismo”, in Sylvana Brandão (org.), *História das religiões no Brasil* (Recife, Ed.da UFPE, 2004), vol. 3, pp. 487-523. Sobre a questão da dominação iorubá (nagô), ver: Lívio Sansone, “Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais na cultura popular brasileira durante o século XX”, *Afro-Ásia*, n° 27 (2002), pp. 249-69.

<sup>41</sup> Roberto Benjamin, “Dona Santa e Luiz de França: gente dos maracatus”, in Silva (org.), *Memória afro-brasileira. Artes do corpo*, pp. 54-76.

<sup>42</sup> Para conferir as listas de licença, ver França Lima, *Maracatus-nação*.



ressaltar que, guardadas as distâncias, o Leão Coroado estava localizado próximo à sede de seu maior rival, o maracatu Elefante, de Dona Santa. Luiz de França afirmava que havia recebido o maracatu de seu pai, Laureano Manoel dos Santos, mas até o presente momento não encontrei nenhum documento que confirme esta versão. Entretanto, no prontuário do DOPS, em 1941, há o registro de vários associados com os sobrenomes “França”, que podem indicar estar o Leão Coroado sob o controle desta família há algum tempo.<sup>43</sup>

Luiz de França também era um grande estrategista no que diz respeito à construção e ao uso de discursos legitimadores. A seu modo, soube inserir-se na sociedade em que vivia e na qual afirmava ter muitos aliados, alguns dos quais políticos famosos, como Marco Maciel, ex-vice-presidente da república.<sup>44</sup> Esses contatos, porém, não lhe foram suficientes para garantir uma de suas maiores ambições que era construir uma sede para o seu Leão Coroado. Esta questão, por sinal, foi o motivo de suas muitas idas para os jornais da cidade, protestar contra o abandono e o descaso que sofria. Em uma de muitas matérias de jornal em que foi notícia, seu protesto ganhou feições bastante explícitas:

[...] pois é aqui que reside a mágoa do Mestre Luiz de França. Mesmo tendo reconhecida sua importância e a de sua nação por vários historiadores (Guerra Peixe, Mário de Andrade, Pereira da Costa, Ascenso Ferreira, etc.) nem ele nem o maracatu jamais obtiveram apoio público ou privado [...] quando Mestre Luiz de França fala que o Leão Coroado nunca teve uma sede – o centro de sua tristeza – ele se refere ao fato de nunca ter tido o sonho de todo ser vivo: ter sua própria casa [...] é justamente numa casa emprestada, sede do Nação Elefante, presidido por Antônio Roberto Nogueira Barros, que o Leão Coroado agora se encontra. Sem sucessor virtual, Mestre Luiz de França vê nele mesmo o fim do seu maracatu, o primeiro de Pernambuco.<sup>45</sup>

<sup>43</sup> Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), Fundo Secretaria de Segurança Pública, DOPS, Prontuário 529, *Maracatu Mixto Leão Coroado*, 02/09/1941.

<sup>44</sup> ECC, Luiz de França, pp. 25-26.

<sup>45</sup> “Hora de reavaliar a pernambucanidade”, *Jornal do Commercio*, 12/08/1994, Caderno C, p. 1. Uma outra matéria enfocando a questão da sede pode ser vista em: Leonardo Dantas Silva, “A presença da África em nosso carnaval: maracatu”, *Diário de Pernambuco*, 13/02/1988, Caderno Viver, p. 1.



Seus discursos legitimadores apoiavam-se na antiguidade do Leão Coroado, o que fazia questão de ressaltar, o mais antigo dentre todos, e talvez este seja o principal motivo para não reconhecer o Elefante de sua ex-companheira, Madalena, como a continuação do verdadeiro maracatu de Dona Santa.<sup>46</sup> Ainda hoje alguns grupos de maracatus-nação disputam o título de mais antigo com bastante ênfase.<sup>47</sup> Talvez ele próprio destoasse dos muitos maracatuzeiros que buscavam no recurso da reativação de grupos antigos uma estratégia de reconhecimento e legitimidade. Não tenho como afirmar o contrário, mas o certo é que, para Luiz de França, apenas dois maracatus antigos restavam nos anos 1960 e, com a morte de sua madrinha, restara apenas o seu, que deveria ser tratado com mais respeito. Luiz de França – assim como Dona Madalena – buscava legitimar-se, colocando-se como continuador da herança de Dona Santa. Sua constante insistência em se vincular a ela foi retratada em alguns jornais, indicando que entre ambos existiam relações bastante amigáveis.<sup>48</sup> Neste aspecto, Luiz de França pode ser visto como um dos muitos maracatuzeiros que disputavam a memória de Dona Santa, pois, ao que tudo indica, quando a rainha era viva, as disputas entre o Leão Coroado e o Elefante eram bastante acirradas.

Mas não era apenas na negação do recurso à reativação dos maracatus antigos que as posições de Luiz de França destoavam dos outros maracatuzeiros. Publicamente, ele questionava o local da realização da Noite dos Tambores Silenciosos, afirmada como evento máximo dos maracatuzeiros e dos militantes dos movimentos negros pernambucanos. Fazia questão de ressaltar que se tratava de uma “invenção recente” e afirmava: “agora eu também não entendo essa história

<sup>46</sup> Além do que já foi dito sobre esta questão, Luiz de França afirmou que “a gente começou perdendo em 62, com a morte da minha madrinha, Dona Santa. Foi quando acabou o Elefante. Esse maracatu que está aí com o nome de Elefante é outro e não tem nada a ver com Dona Santa”: “Um leão sem coroa”, *Diário de Pernambuco*, 14/01/1996, Caderno Viver, p. 1.

<sup>47</sup> Sem querer entrar no mérito da questão, por considerar o fato de que todos os maracatus da atualidade ou são grupos inventados recentemente, ou recriados em nome de uma suposta continuidade, há basicamente três agremiações que concorrem entre si: *Jornal do Commercio*, 12/08/1994, disputando a condição de senioridade máxima: Elefante, Leão Coroado e Estrela Brilhante de Igarassu.

<sup>48</sup> ECC, Luiz de França, p. 10; “Rainha Santa protetora dos maracatus do Recife”, *Diário de Pernambuco*, 3/02/1996, p. 8.



de maracatu desfilar no Pátio do Terço, em vez do Pátio da Igreja do Rosário dos Pretos. É aí que está nossa origem”.<sup>49</sup> Ressalte-se o fato de Luiz de França ter pertencido à irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos até os últimos dias de sua existência.

Suas posturas quanto às comemorações do dia 13 de maio também não se assemelhavam às que atualmente são apregoadas, de modo quase unânime, entre os militantes dos movimentos negros, uma vez que, para justificar o nome de uma das calungas de seu maracatu, Dona Isabel, Luiz de França afirmou que se tratava de uma homenagem para a rainha do Brasil.<sup>50</sup> Posso especular que essa relação entre os afro-descendentes e o 13 de maio tomou uma guinada bastante radical, passando da comemoração para a denúncia, mas isto não impede que, ainda hoje, em muitas regiões do país, se comemore esta data, dando-lhe feições positivas. Como exemplo, lembro que em muitos terreiros de jurema, o mês de maio é o período em que se comemoram as festas dos pretos velhos, entidade bastante popular entre os praticantes desta religião, e o dia 13 é especialmente dedicado a estas entidades na maior parte dessas casas. Parece-me que a desmonumentalização do 13 de maio se deu a partir da denúncia de “que não era de negro” e, em seu lugar, foi proposto o dia oficial da morte de Zumbi, o 20 de novembro.<sup>51</sup>

Luiz de França não poderia nunca ser considerado um velho ranzinza e demente. Suas “leituras” da história do Brasil e os discursos por ele elaborados mostravam sua habilidade em buscar legitimidade em diferentes situações. Quando questionado diante de sua insistência em permanecer à frente do Leão Coroado, respondeu que ali se encontrava sua vida e que não se justificavam as acusações de que estava fazendo “a cama para os outros deitarem”, pois este era o compromisso dos grandes vultos da nação, a exemplo de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e José Mariano.<sup>52</sup> Luiz

<sup>49</sup> “Um leão sem coroa”, *Diário de Pernambuco*, 14/01/1996, Caderno Viver, p. 1.

<sup>50</sup> ECC, Luiz de França, p. 27.

<sup>51</sup> Um breve histórico sobre a substituição do 13 de maio pelo 20 de novembro, sob a denúncia de que não se tratava de um dia passível de comemoração, pode ser visto em: Oliveira Silveira, “Vinte de novembro: história e conteúdo”, in Petronilha Beatriz Gonçalves Silva e Valter Roberto Silvério (orgs.), *Educação e ações afirmativas – entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* (Brasília, INEP/MEC, 2003), pp. 21-42.

<sup>52</sup> ECC, Luiz de França, p. 2.



de França sabia, a seu modo, usar a história em seu favor. Estes homens, em sua interpretação, tiveram seus nomes inscritos na história justamente por fazerem o que deveriam, até o fim de suas vidas, e, por isto, também acreditava que o seu nome entraria para este seleto rol, o que efetivamente aconteceu, talvez não por estas razões, mas, sobretudo por sua condição de maracatuzeiro insistente.

A questão da sucessão de seu maracatu, daquele que daria continuidade às atividades do grupo, constitui um dos pontos mais complexos da sua história. Há, na atualidade, um outro discurso legitimador com significativa força, utilizado em favor do atual dirigente do Leão Coroado, Afonso, que afirma ter sido o escolhido para prosseguir com as atividades do grupo. Esta é a versão dotada de maior visibilidade, uma vez que, no rol daqueles que a propagam, se encontram os muitos estudantes universitários que integram o maracatu.<sup>53</sup> Também corroboram esse discurso alguns intelectuais com forte penetração no mundo acadêmico (e na sociedade em geral), a exemplo do folclorista Roberto Benjamin, intermediador e legitimador da transmissão do Leão Coroado para seu atual dirigente.

Existem, porém, outras versões silenciadas, ou simplesmente ignoradas, comprovadas documentalmente na entrevista concedida por Luiz de França aos pesquisadores da Casa do Carnaval e em jornais. A que se presta este jogo de versões? A quem interessa firmar uma única versão sobre a transmissão do Leão Coroado? É importante lembrar que a dubiedade com que Luiz de França tratava a questão da sua sucessão no maracatu não legitima a suposta escolha final, de que o sucessor seria o seu atual líder. Esta versão é contestada por outras pessoas que se consideram legítimas herdeiras de Luiz de França e que foram silenciadas, visto que não possuem a mesma visibilidade dos que defendem a versão hegemônica. Mana, filha adotiva de Luiz de França, reside até hoje no mesmo local que serviu de sede para o Leão Coroado, até o falecimento de seu mestre maior. Em muitas ocasiões, há afirmações implícitas de que ela seria escolhida por ele

<sup>53</sup> Há, na atualidade, um processo de embranquecimento do maracatu Leão Coroado. Tal situação, porém, não é exclusiva deste grupo, uma vez que os maracatus se encontram na crista de uma moda que perdura desde o final dos anos 1990. Sobre esta questão, ver: França Lima, "Maracatus em moda".



para seguir as atividades do maracatu. Insistentemente, ela é apontada como aquela que servia de maior apoio, sobretudo nos momentos de maior dificuldade, que foram os seus últimos anos.<sup>54</sup> Em entrevista que me foi concedida no mês de dezembro de 2005, Mana não só confirmou o desejo de Luiz de França em relação a ela, como também afirmou ter caído numa trama que resultou em seu total afastamento do maracatu. Em outra entrevista de Mana, concedida às pesquisadoras da Casa do Carnaval, Luiz de França intervém, corroborando que o Leão Coroado ficaria com ela.<sup>55</sup> Não é por demais afirmar que presenciei os comentários de três outros moradores do Córrego do Cotó, bastante rancorosos com a situação atual do Leão Coroado, que agora está sediado em uma outra comunidade. O certo é que Afonso, mesmo havendo dúvidas de ter sido ou não verdadeiramente escolhido, como diz, vem desempenhando um razoável serviço à memória de Luiz de França e, ao mesmo tempo, está conseguindo manter as atividades do maracatu com relativa maestria. O grupo lançou nos últimos dois anos um CD com músicas de autoria atribuída a Luiz de França e cantadas por Afonso.

Outra versão acerca da sucessão do Leão Coroado é a opção que estou denominando de morte anunciada, ou seja, o encerramento das atividades do grupo após o desaparecimento de seu líder. Foi o que ocorreu com o maracatu Elefante, de Dona Santa, em 1962, que deixou de desfilar após sua morte. O mesmo se repete com o Porto Rico do Oriente, em 1978, de Eudes Chagas, que tinha sido rei de Dona Santa. Em ambos os maracatus, teria havido um desejo expresso de seus dirigentes de que seu grupo não desfilasse mais, assim que morressem.<sup>56</sup> Tal versão, que podemos denominar de não-continuidade institucional, conhecida entre os populares pela expressão de “botar o maracatu no museu”, poderia ser considerada estranha, se ainda nos dias atuais não ocorresse tal prática. Alguns terreiros de religiões afro-descendentes

<sup>54</sup> ECC, Luiz de França, pp. 22, 23 e 36.

<sup>55</sup> Seu Luiz ao entrevistador, quando perguntado sobre o que vai acontecer ao maracatu após sua morte, diz: “ela (Mana) fica, eu vou fazer isto, assim que eu fizer a sede eu vou fazer isto, vou pro cartório passar um documento por morte minha ela terá o direito de ficar com esse maracatu, pronto!”; Regina Célia, conhecida como Mana, do Leão Coroado, entrevistada pelos pesquisadores da Casa do Carnaval, 25/01/1995.

<sup>56</sup> França Lima, “Tempo e instituições”, pp. 72-84.



recifenses encerram completamente suas atividades após a morte de seu principal dirigente. Há indícios de que Luiz de França cogitou esta possibilidade, expressa em alguns de seus depoimentos dados aos jornais, dos quais reproduzo este, que se segue:

[...] Mas eu só saio do meu Leão Coroado direto para o cemitério.

Diário: Quando isto acontecer, o que será do seu maracatu?

*Luiz de França*: Vão levar tudo para o Museu de Apipucos. Exatamente para onde doutor Miguel Arraes levou o maracatu da minha madrinha Dona Santa.<sup>57</sup>

Uma das muitas conjecturas possíveis de serem feitas após a leitura destas palavras é a idéia de que Luiz de França desejava atribuir para o seu grupo o mesmo valor e respeito que se dedicava ao Elefante. Em depoimento prestado no vídeo *Maracatu Leão Coroado*, dirigido por Wagner Simões, em 1987, Luiz de França afirma que o destino de seu maracatu era o mesmo do Elefante, de sua madrinha Dona Santa: o Museu da Fundação Joaquim Nabuco, em Casa Forte.<sup>58</sup> Não é papel do historiador dizer onde está a verdade neste caso, mas apontar que a sucessão do Leão Coroado foi uma das questões que atormentava o velho Luís de França, que buscava, em meio às disputas por legitimidade, o melhor lugar onde se posicionar. Isto talvez explique o “esquecimento” de Mana, afirmada como sua herdeira.

A pequena quantidade de pesquisas em torno da história dos maracatus-nação constitui um terreno fértil para que persista um saber cristalizado existente na atualidade. O pouco que existe, salvo honrosas exceções, infelizmente, corrobora para reforçar um sem-número de afirmações que não se sustentam mediante uma pesquisa documental mínima, a exemplo da suposta relação exclusiva dos maracatus-nação com a religião dos orixás ou a idéia de que há um modelo tradicional de maracatu, que persiste desde as coroações dos reis e das rainhas do Congo, instituição da qual os maracatus supostamente seriam originários.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> “Um leão sem coroa”, *Diário de Pernambuco*, 14/01/1996, Caderno Viver, p. 1.

<sup>58</sup> Wagner Simões, *Maracatu Leão Coroado*, Recife, 1987, vídeo U-Matic, 18 min 30s.

<sup>59</sup> Discuti de modo bastante exaustivo essa obsessiva busca pelas origens dos maracatus-nação em: Ivaldo Marciano de França Lima, “Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo



Em resumo, existem três versões em torno da sucessão de Luiz de França no maracatu Leão Coroado. Em nenhum momento pode-se afirmar que uma seja mais legítima que a outra. Questão semelhante ocorreu com o maracatu Porto Rico, que foi reativado em 1981 por um grupo de pessoas, dentre elas Elda Viana, atual rainha deste maracatu.

### **Elda Viana, a rainha inovadora**

Elda Viana, presidente e rainha do maracatu Porto Rico do Pina, é, na atualidade, uma das maiores referências entre os maracatuzeiros. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro e migrou para o Recife nos anos 1970. Sua atuação nos anos 1980 pode ser vista e analisada de várias maneiras. Destaco a faceta em que a dinâmica maracatuzeira aparece disputando espaços e legitimidade frente a Madalena, rainha do “tradicional” e “todo-poderoso” Elefante, que “ressurgiu” no ano de 1986, em meio a um movimento articulado por intelectuais do calibre de Gilberto Freyre e Evandro Rabelo; e por maracatuzeiros como Antônio Roberto e Rosinete.<sup>60</sup>

Elda Viana, para os “tradicionalistas”, representava uma séria ameaça de descaracterização dos “autênticos maracatus do Recife”, sobretudo por suas estratégias de inovação no vestuário e pela introdução de novos personagens na corte, a exemplo das odaliscas que circundam o rei e a rainha. Por várias ocasiões, presenciei ataques contra suas inovações, denunciadas com insistência por alguns maracatuzeiros. Talvez estes ataques evidenciassem uma outra estratégia, a de que existiam aqueles que percebiam estar sendo superados por uma maracatuzeira inovadora que vinha conquistando visibilidade e sucesso no carnaval, tomando, portanto, os espaços de antigos maracatuzeiros, como Luiz de França, Madalena e Cabeleira. Na reportagem transcrita abaixo, apesar de não se fazer referência direta a Elda Viana, o teor é em tudo semelhante às críticas que lhe eram disparadas:

afayas e fazendo histórias. Recife, 1930-1945”, (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2006), esp. caps. 1 e 2. Outra excelente indicação para esta questão pode ser vista em: Marcelo Maccord, “O Rosário dos homens pretos de Santo Antônio: alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872”, (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2001).

<sup>60</sup> “Nação Maracatu Elefante volta às ruas para brilhar no carnaval 86 do Recife”, *Diário de Pernambuco*, 7/02/1986, p. 1, Caderno Viver.





Um dos mais antigos brincantes de Pernambuco é o maracatuzeiro José Martins de Albuquerque, o Cabeleira, presidente do maracatu Estrela Brilhante, de Água Fria, fundado em sete de julho de 1910. O perigo de desaparecimento do maracatu de baque virado, segundo ele, está nos próprios maracatuzeiros de hoje, que fogem de uma realidade histórica do maracatu, enxertando coisas que não existem neste maracatu, que na realidade é composto de 11 itens (porta-estandarte, dama de passo, lanceiro, baiana de cordão, damas de frente, baianas ricas, conde e condessa, duque e duquesa, príncipe e princesa, rei e rainha e pagens. Além do batuque).<sup>61</sup>

Os maracatus corriam riscos e os maiores responsáveis eram os próprios maracatuzeiros, segundo Cabeleira. As inovações de Elda Viana representariam, mesmo, perigo para os maracatus? O certo é que, se Madalena encarnava, nos anos 1980, o lugar da tradição e a continuidade simbólica de Dona Santa, Elda Viana reunia em torno de si a inovação e a dinamicidade. Adotou o uso de tecidos até então distantes das tesouras e das máquinas de costura dos maracatuzeiros, a exemplo do lamê e do paetê. Abusou das plumas em seu vestuário, adotando um estilo “escola de samba”, categoricamente rejeitado pelos mais ortodoxos. Tratava-se de uma evidente disputa entre Maria Madalena e Elda Viana. A primeira, uma “verdadeira rainha africana de maracatu”, dotada de poder simbólico através dos discursos que demonstravam ter sido ela aceita como a continuadora desta tradição pela própria Dona Santa. A segunda, uma “ilustre desconhecida” que nem sequer possuía o consenso em sua comunidade como liderança entre os maracatuzeiros, haja vista as críticas que lhe eram dirigidas pelos herdeiros de Eudes Chagas que se colocavam contrários à reativação do Porto Rico.<sup>62</sup>

<sup>61</sup> “Tradição secular. Encontro tenta reerguer os maracatus do Recife”, *Diário de Pernambuco*, 19/02/1990, Caderno Viver, p. 1.

<sup>62</sup> Elda sofria a forte oposição da última rainha de Eudes Chagas, Maria de Sonia, que não aceitou a reativação do Porto Rico do Oriente, ameaçando ir à justiça para impedir tal feito. Existem versões, contudo, que mostram ter sido a perda do comando do maracatu que motivou os protestos de Maria de Sônia, o que é negado por seus familiares. Elda Viana, diante dessas ameaças de processos judiciais, abandonou o uso do termo “Oriente”, utilizando apenas os dois primeiros nomes do antigo maracatu. Maria de Sonia fundou um outro grupo, denominado Encanto do Pina, para continuar suas atividades como maracatuzeira e ao mesmo tempo abrigar o suposto grupo leal a Eudes Chagas. Esta questão pode ser vista em: Real, *Eudes o rei negro do maracatu*, passim. Sobre o poder simbólico, ver: Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.



Elda, portanto, é tida como inovadora, conferindo ao maracatu um visual mais luxuoso e glamouroso. Seu grupo conquistava campeonatos e sua popularidade crescia, apesar dos protestos de alguns maracatuzeiros e intelectuais “tradicionalistas” que viam nas novidades um risco iminente de descaracterização. Eis o preço a ser pago no embate contra a representante máxima da tradição: ser empurrada para o lugar do não-autêntico, do descaracterizado. Resta saber se os maracatuzeiros que se reuniam em torno de Elda pensavam dessa maneira, uma vez que a idéia de tradição não era algo inexistente entre os mesmos. Parece-me que esta questão mostra o quão diversa é a presença da tradição entre os maracatuzeiros. Talvez estejamos diante de uma evidência de que a tradição não é vivida “como uma complacência melancólica” como insistem em querer demonstrar alguns folcloristas.<sup>63</sup>

A tradição, a partir da prática de Elda Viana, deve ser pensada como uma constante adaptação para o cotidiano, uma vez que é nesse processo em que ocorrem as respostas para as diferentes necessidades que surgem no dia-a-dia. A adaptação da tradição para as necessidades e os interesses de Elda Viana não pode, em nenhum momento, ser pensada como descaracterização, mas um constante jogo em que o desafio é buscar a legitimidade sem perder por completo as referências com a tradição. É assim que penso, portanto, nas razões que levaram Elda Viana a criar e recriar no seu maracatu, sem abrir mão das referências acerca da tradição.

As questões estavam postas à mesa. Como fazer frente à “todo-poderosa” continuadora de Dona Santa e ao velho e afamado Luiz de França? Ambos inseridos em poderosas redes de sociabilidade, que podiam atestar sua antiguidade e senioridade. Ao mesmo tempo, qual o procedimento a ser tomado para conquistar um lugar ao sol, numa sociedade hostil aos costumes e às práticas afro-descendentes? O que fazer em uma sociedade “pernambucana”, sobretudo quando não se é “filha da terra”? Estas questões podem ser respondidas parcialmente, se analisarmos a atuação de Elda Viana à frente de seu maracatu, nos anos 1980. Sua postura arrojada e seu dinamismo podem ser conferidos na notícia de jornal abaixo, indicadora de como Elda situava seu discurso em meio aos outros maracatuzeiros:

<sup>63</sup> Nestor García Canclini, *Culturas híbridas*, São Paulo, Edusp, 1998, p. 221.





Elda Viana é a atual presidente do maracatu Nação Porto Rico, campeão dos carnavais de 1983 a 86 e 1988 e 89, ano passado Elda foi com seu maracatu à Europa e encantou as platéias de rua da Alemanha e Bélgica. Foi coroada rainha do Porto Rico no dia oito de outubro de 1980, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, pelo cônego Miguel Cavalcanti, no altar de São Domingos. À sua coroação compareceram os maracatus Indiano e Leão Coroado. Elda recorda que o seu maracatu passou, na década de 80, por muitas dificuldades. “Principalmente depois que o senhor Armando Marques Martins de Arruda foi responsável pelo fechamento do maracatu. Em 1983, junto com a polícia, arrumbei a porta do maracatu, botei ele de novo nas ruas e fui campeã por sucessivos anos. No último carnaval, o maracatu cresceu muito e saiu com 420 figurantes. Contudo, este ano ele sai com menos componentes, porque a inflação está terrível. Mas estou preparada para um novo campeonato”.<sup>64</sup>

Ao mesmo tempo em que inovava nos usos e nas práticas, ela também sabia criar discursos legitimadores, o principal deles de difícil comprovação. Madalena colocava-se como sucessora de Dona Santa, “herdeira” da “tradição” dos autênticos maracatus africanos, porque a legendária rainha do Elefante teria manifestado esse reconhecimento, afirmando que a coroaria como rainha. Elda, por sua vez, afirmava que tinha sido efetivamente coroada e de acordo com a mais legítima tradição, ou seja, numa cerimônia celebrada por um padre, no interior da igreja de Nossa Senhora do Rosário, tal como eram coroadas as rainhas e os reis de Congo! Ao sabor das disputas, Elda sempre respondia: “sou a única rainha ainda viva coroada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos”.<sup>65</sup> Não há como afirmar a veracidade deste fato, mas devo insistir que sua divulgação entre os maracatuzeiros possibilitou a Elda com-

<sup>64</sup> “Tradição secular. Encontro tenta reerguer os maracatus do Recife”, *Diário de Pernambuco*, 19/01/1990, Caderno Viver, p. 1.

<sup>65</sup> Sobre esta questão, ver: Isabel Guillen, “Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife”, *Cadernos de Estudos Sociais*, vol. 20, n° 1 (2004), pp. 39-52. Devo ressaltar que Elda Viana conta diferentes versões para esta coroação, ora afirmando que a mesma se deu no interior da igreja, ora no lado de fora, com a presença de alguns maracatus. Talvez estejamos diante de uma *ucronia*, conceito discutido em: Alessandro Portelli, “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum”, in Ferreira e Amado (orgs.), *Usos e abusos da história oral*, pp. 103-30.



petir em pé de igualdade com Madalena e conquistar espaços e atenção de uma sociedade conservadora e hostil.

Eis uma intrigante questão merecedora de nossas reflexões: por mais que inovasse nos usos e nos costumes do maracatu-nação, através das invenções em seu Porto Rico, Elda não abria mão do lugar da tradição, pois também se achava no direito de disputar este espaço, mesmo que contra ela fossem desferidos ataques de descaracterização e inovação. Por isto que seus discursos legitimadores vão ao encontro da tradição: ela não era uma rainha qualquer, mas a única coroada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, ou seja, tratava-se de alguém dotada de tradição tanto ou mais do que a própria Madalena.<sup>66</sup>

As conquistas consecutivas do concurso de maracatu, promovido pela Prefeitura da Cidade do Recife, em conjunto com a Federação Carnavalesca, davam a Elda visibilidade entre todos os carnavalescos, ao mesmo tempo em que a legitimavam. Ainda hoje, o Porto Rico posiciona-se entre os primeiros colocados nos concursos organizados pela Federação Carnavalesca. Na segunda edição do livro de Katarina Real, *O folclore no carnaval do Recife*, de 1990, Dona Santa e Elda Viana foram as únicas rainhas de maracatu que tiveram suas imagens estampadas.<sup>67</sup> Longe de constituir um fato sem importância, esta questão mostra que, aos poucos, Madalena estava sendo suplantada e perdendo espaços.

Se nos primeiros anos da década de 1980 Elda era apenas uma rainha de um maracatu ressurgido, que enfrentava diversos problemas de legitimidade, encontrava-se agora no lugar de “única rainha viva coroada pela Igreja do Rosário dos Homens Pretos”, conforme “mandava a tradição”. Não tenho como discorrer em torno desta coroação, sobretudo pelo fato de que a Igreja Católica sequer admitia que fosse cogitada esta possibilidade no interior de seus templos. Não desejo questionar a veracidade dessa versão de coroação por parte de Elda. Por

<sup>66</sup> Vale a pena conferir o seu depoimento no documentário da BBC de Londres, produzido em 1990, onde se afirma que Madalena não era uma rainha coroada como ela. A disputa estava empatada!

<sup>67</sup> As fotos estão publicadas em: Real, *O folclore no carnaval do Recife*, pp. 55, 56, 60-61 (Dona Santa); 64-65 (Elda Viana).



mais fantástico que seja, é possível que ela tenha realmente sido coroada em alguma igreja, ou no seu interior. Não está em questão a pobre dicotomia entre verdade e mentira, mas o entendimento da construção destes discursos legitimadores e as disputas por espaços entre os maracatuzeiros. Devo lembrar, no entanto, que Katarina Real tentou coroar Eudes Chagas e sua rainha em uma igreja católica, tentando, inclusive, a intermediação do então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara. Suas investidas, porém, não lograram êxito.<sup>68</sup>

O certo, contudo, é que o *marketing* de Elda não só lhe permitia disputar simbolicamente espaço e legitimidade com Madalena, como também ameaçá-la, sobrepujando seu lugar de tradicional rainha de maracatu. A meu ver, os discursos legitimadores de Elda Viana não foram simples criação individual (por mais que eu não acredite em criações simples!), sobretudo por se tratar de constructos que efetivamente lhe permitiram ocupar espaços na sociedade recifense. Deixe-se claro que boa parte das estratégias de seu grupo foram pensadas por ela que quase sempre esteve à frente das ações do Porto Rico, ora criando novos personagens do maracatu, ora inovando com o uso de tecidos finos, plumas e saias de armação de ferro, que, na atualidade, estão presentes em quase todos os grupos “tradicionais”.

Não tenho como afirmar que o uso de grandes saias de armar foi uma outra criação de Elda Viana, mas o certo é que praticamente todas as fotos de Dona Santa fantasiada mostram que, até o início dos anos 1960, estas não existiam como prática, ao menos no maracatu Elefante. Dona Leinha, antiga maracatuzeira do Cambinda Estrela, em entrevistas anteriores afirmou que os vestidos de corte dos maracatus não possuíam as grandes saias de armar da atualidade. “As baianas do maracatu usavam as roupas na goma”, frisou Dona Leinha, deixando no ar a dúvida de ser ou não a adoção das saias de armar uma das muitas invenções de Elda.<sup>69</sup> Devo insistir na especulação sobre esta questão, devido ao fato de que os “tradicionalistas” ainda hoje questionam sobre o uso da saia de armar e do estilo de vestido godê. Durante o carnaval de

<sup>68</sup> Real, *Eudes o rei negro do maracatu*, pp. 69-75.

<sup>69</sup> Entrevista a Dona Leinha, Alto Santa Isabel, Recife, 28/05/2004.



2006, em uma das muitas apresentações do Cambinda Estrela, fui pego de surpresa por um comentário de um Professor do Departamento de História da UFPE, que afirmou serem as baianas do Estrela Brilhante de Igarassu tradicionalíssimas, por não usarem as grandes saias de armar. Seu comentário foi acompanhado da aprovação de um outro Professor do Departamento de Música da UFPE, que afirmou estarem os maracatus da atualidade muito descaracterizados. Pode-se perceber o que possivelmente Elda enfrentou no início dos anos 1980: a ira e as críticas dos “defensores da tradição”.

Voltando à questão do uso das saias de armar, a meu ver é possível que estejamos diante de uma apropriação coletiva dos maracatuzeiros ou de um empréstimo, tomado das porta-bandeiras das escolas de samba, que foram adaptadas às cortes dos maracatus-nações recifenses. E é bem possível que Elda tenha sido uma das pioneiras no uso destas saias, dada sua disposição em conquistar títulos nos concursos da Federação Carnavalesca e de seu desprendimento – ao menos na prática – de uma noção de tradição imobilizadora. Os muitos discursos legitimadores de Elda Viana, aliada à sua competência em aglutinar desfilantes e conquistar prêmios, lhe valeram a vitória na quebra de braço simbólica que teve com Maria Madalena e Rosinete, visto que, na atualidade, estas rainhas sequer são lembradas com o vigor e a pujança de que uma mulher ainda em atividade pode desfrutar.

A ascensão de Elda foi coroada também pelo peso da idade de Madalena, que, por mais que representasse a “tradição”, não dispunha do vigor físico e da criatividade de sua combativa adversária. Mais uma vez, deparei-me com uma situação de disputa pela hegemonia entre os maracatuzeiros, onde se pode perceber que as disputas e os conflitos entre eles não constituem simples rivalidades infantis ou ingênuas. Muito mais do que isto, representam a forma como as tensões se resolvem.<sup>70</sup>

No tocante às filiações religiosas de Elda, os vínculos com a jurema e o xangô ocorrem de formas semelhantes ao que há na prática sacra de outros maracatuzeiros da contemporaneidade. Elda também

<sup>70</sup> França Lima, “Maracatus e maracatuzeiros”, pp. 204-06.



enfrentou problemas no terreno religioso e possivelmente teve de lidar com as barreiras que o discurso da tradição impõe aos que não dispõem das ligações com as casas “tradicionais” da cidade. Devo ressaltar que sua habilidade propiciou-lhe o estabelecimento de alianças que ajudaram tanto no que diz respeito à sua atuação como maracatuzeira, como no campo da religião. Elda soube utilizar-se do prestígio de Raminho de Oxóssi, tendo-o como rei de seu maracatu e importante aliado religioso. Este afamado pai-de-santo pernambucano é apontado por alguns antropólogos como um dos pioneiros no processo denominado “baianização do xangô pernambucano”, e suas inovações neste campo devem ter contribuído na constituição desta aliança que se consolidou em um reinado de maracatu.<sup>71</sup>

## Conclusão

Como todo e qualquer ser humano, os maracatuzeiros buscaram (e buscam!), a partir de seus discursos, a legitimidade e os espaços que lhes propiciem a ascensão social e a inserção em uma sociedade que, na maioria das vezes, os rejeitam ou os folclorizam. Não devemos, prezado e paciente leitor, esquecer que também estamos falando de comunidades afro-descendentes, mesmo considerando os processos de embranquecimento que ocorrem em alguns maracatus. Na atualidade, os discursos, as ações, os sentidos e as estratégias não devem ser vistas dissociadas do contexto em que homens e mulheres buscam para si as atenções de uma sociedade que ainda hoje se vê branca e eurocêntrica. Madalena, Luiz de França e Elda Viana representaram e representam alguns exemplos de maracatuzeiros e maracatuzeiras que, a seu modo,

<sup>71</sup> Raminho de Oxóssi é acusado por alguns praticantes “tradicionalistas” como aquele que trouxe o modelo jeje-nagô baiano para Pernambuco. Sobre a baianização do xangô, ver: Maria do Carmo Tinoco Brandão e Luis Felipe Rios do Nascimento, “Nuevos modelos religiosos afro-ricifenses y las políticas de identidad e integración”, in Ángel B. Espina Barrio (org.), *Antropología en Castilla y León e Iberoamérica, V: emigración e integración cultural* (Salamanca, Universidad Salamanca, 2003), pp. 327-38; Maria do Carmo Brandão, “Xangôs tradicionais e xangôs umbandizados do Recife: organização econômica”, (Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, 1986); Motta e Brandão, “Adão e Badia”, p. 12; José Jorge de Carvalho, “A força da nostalgia. A concepção de tempo histórico dos cultos afro-brasileiros tradicionais”, *Religião e Sociedade*, vol. 2, nº 14 (1987), p. 49.



interpretaram a realidade, construíram discursos, estratégias e alianças para conquistarem uma melhor condição e espaço para seus sonhos. Esta história continua não por que Elda Viana ainda esteja viva (oxalá continue por mais cem anos!), mas por estarem os maracatuzeiros e as maracatuzeiras em pleno movimento, ora aliando-se entre si, ora com os movimentos negros, fazendo com que o futuro seja um grande campo de possibilidades, em meio a muita toada, batuque e festa. Pois não é assim que os maracatuzeiros fazem suas vidas?





#### **Resumo:**

Nos anos 1980 os maracatus-nação viviam em um período de transição entre a forte decadência que se abateu sobre os mesmos nos anos 1960, e os novos tempos de valorização da cultura popular que se estava constituindo. É em meio a essa trama que se vão delineando as estratégias em busca de espaços na sociedade recifense por parte de alguns maracatuzeiros, notadamente Luiz de França, do maracatu Leão Coroado; Maria Madalena, do Nação Elefante e Elda, do Porto Rico do Pina. Enquanto as agremiações “tradicionais” sentem o peso e a força das escolas de samba, estes maracatuzeiros vão implementando as suas estratégias, em busca de espaços e reconhecimento social no contexto cultural da capital pernambucana.

**Palavras-chave:** Maracatus-Nação – Carnaval do Recife – Cultura Popular – Tradição

#### ***Luiz de França, Maria Madalena and Elda – Between Tradition and Innovation:***

#### ***Disputes for Space Among Maracatuzeiros in the Recife Society in the 1980s*** **Abstract:**

*In the 1980s the maracatus of Recife went through a transition, emerging from a period of decline that had set in during the 1960s and entering one of rejuvenation as the result of renewed interest in popular culture. This triggered the creation of new strategies by some maracatu musicians, including Luiz de França, from the Maracatu Leao Coroado, Maria Madalena, from Nação Elefante and Elda, from the Porto Rico do Pina, as they searched to find their space in society. As “traditional” groups underwent the impact (and influence) of samba schools, these maracatu leaders continue their search for social recognition within the urban cultural context of the capital of Pernambuco.*

**Keywords:** Maracatu – Carnival (Recife) – Popular Culture – Tradition